

## ENCANTADORA DE PALAVRAS

Marlise Vaz Bridi  
(USP)

Maria Teresa Horta. *Inquietude*.  
Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2006.

Ao se falar da poesia portuguesa dos anos 60 até esta parte, um nome estará presente como referência obrigatória: Maria Teresa Horta. Se o foco for então colocado em sintonia mais sutil e se fixar na poesia escrita por mulheres, Maria Teresa Horta passa de referência à figura central, pois, se obviamente não a inaugura, o que remonta às origens da própria lírica portuguesa, ela e sua obra são, ao mesmo tempo, uma das instituidoras do que Melo e Castro chama de maioridade estética da Poesia Feminina e paradigma em relação ao qual se estabelece, por proximidades e distanciamentos, a escrita das mulheres em Portugal.

Parece-me, portanto, que ler um livro de Maria Teresa Horta é sempre uma tarefa dúplice e complexa: há que considerá-lo internamente como parte de uma obra volumosa e, externamente, a reverberar no cenário da cultura portuguesa, o que, convenhamos, não é pouca coisa.

*Inquietude*, seu 18º livro de poesia, publicado em 2006, insere-se nesta dupla perspectiva. Estruturado como uma peça musical cujos movimentos (*Vivace*, *Appassionato*, *Agitato* e *Finale*) estão assinalados em suas quatro partes, cada poema, rigoroso e vertical quando tomado de per si, articula-se ao conjunto como, em música, articulam-se o plano melódico e harmônico. Do ponto de vista temático, *Inquietude* revisita o corpo, motivo forte da poética de Maria Teresa Horta, como bem anuncia o poema que abre o volume, cujo título é justamente “Corpo”:

Corpo

Sou voraz não me apego  
ao abrigo da alma

Sou o corpo    o incêndio  
só o fogo  
me acalma (p.11)

Posto mesmo antes da primeira parte – *Vivace* – funciona, ao lado da epígrafe colhida à Sylvia Plath (“Não a consigo conter. Não consigo conter a minha vida”), como a *Overture* para a peça que se desenvolverá a partir dele, onde corpo já surge – mais uma vez, quando se toma o conjunto da obra de Maria Teresa Horta – como o ponto inicial, o tom (maior) em torno do qual se arquiteta o todo da obra. No poema em questão, as notas com que se organizam o motivo e ao qual se voltará constantemente no corpo do livro, são, sobretudo, “corpo” e “fogo” que se equivalem e se opõem. O “corpo” é a matéria concreta em que a vida assenta, em que a alma vive encarnada e toma forma: portanto, seu chão, sua terra. Entretanto, como bem indicam as palavras eleitas de Sylvia Plath, a vida, que anima o corpo, na imprevisibilidade da própria vida (que é o que se busca, mas não se pode controlar), arde como o fogo que, em sua consumação, produz o inverso do esperado: “acalma”, como luz, como calor. Este sutil jogo interno ao poema, em que as palavras cariciosa e ritmicamente aproximadas produzem novos sentidos, não podia, como princípio organizador, ser mais apropriado ao “projeto musical” que permeia o volume, pois dá unidade e torna visível o procedimento que se pode flagrar no todo.

E assim, ao percorrer os poemas como se de uma partitura se tratasse, vai o leitor reencontrando, a todo o momento, o corpo e o fogo em suas múltiplas variações: o corpo feminino (sempre) em face do amor, o corpo dos prazeres, das dores, dos sentidos; o fogo da vida e da morte, o fogo do tempo, da natureza e da paixão. Mas também, e muito, o corpo e o fogo da escrita.

Em cada um dos andamentos – as partes do livro – há, entretanto, o predomínio de um núcleo a lhe conferir unidade. Assim, em *Vivace*, verdadeira forma-sonata, estão expostos os principais temas da obra de Maria Teresa Horta, como a questão feminina, a figura materna e a infância, a beleza e a arte, o corpo e o fogo, seus êxtases e suas dores. Em *Appassionato*, núcleo de lírica amorosa em que corpo e fogo se fundem, os poemas retomam e verticalizam a problemática do amor-paixão. Na terceira parte, *Agitato*, são o corpo e o fogo da palavra que avultam e a reflexão acerca do fazer poético torna-se central. A última

parte, *Finale*, a guisa de conclusão, recolhe os temas que haviam sido disseminados nas partes anteriores. Por essas observações, ou seja, tanto pela seqüência dos andamentos como por seu número, pela presença da forma-sonata na primeira e o colorido das outras partes, pode-se aproveitar a sugestão musical explícita dos subtítulos como um indicativo de que a obra foi estruturada de maneira análoga à sonata clássica, o que a coloca inteiramente no centro da melhor tradição da modernidade em que as obras, ainda que poéticas, são concebidas como projetos, coesos e conscientes em seus propósitos estéticos.

Neste sentido, muito embora cada uma das partes de *Inquietude* seja constituída por poemas muito bem realizados quer isoladamente, quer em seu conjunto, de seus quatro momentos aquele em que se dedica à reflexão acerca do fazer poético é o que se constitui no caminho mais promissor da recente poesia de Maria Teresa Horta. Se a vertente metapoética não é uma novidade em sua obra, que, de uma forma ou de outra, sempre se debruçou sobre a própria escrita, a de outros escritores e, sobretudo, a de outros poetas, em *Inquietude* tal procedimento mostra-se como um plano de sustentação da obra, tal qual a nota tônica o é para a peça musical. Há um grupo de poemas, mesmo fora do *Agitato* que, como se disse, é particularmente dedicado ao tema, em que as imagens do corpo ou do fogo são, evidente ou sutilmente, indicativas do corpo do poema e do fogo da escrita.

Em “Ponto de Honra” (p.16), por exemplo, presente já na primeira parte, a alquimia entre corpo e fogo, escrita e vida toma a forma de uma amálgama indivisível como a que se pode verificar em seus versos finais: “Sou bruxa/ Sou feiticeira/ Sou poetisa e desato// Escrevo/ e cuspo na fogueira”. A enumeração em seqüência, de bruxa, feiticeira e poetisa, além de evocar figuras femininas proverbialmente denegadas em tempos mais obscuros da história (diga-se de passagem, habitantes de outras obras de Maria Teresa Horta, como *Os Anjos*, de 1983 e *As Feiticeiras*, de 2006), coloca, no mesmo cadinho, por analogia, a obra que resulta do corpo e do fogo com que lidam-escrevem bruxas, feiticeiras e poetisas. Em última instância, a escrita é uma prova de fogo pela qual a poetisa precisa passar para manter-se viva, para renascer e depurar-se enquanto poeta.

Nesta mesma linha, em poemas como “Trajecto” e “Roda da Vertigem” aparecem referências ou imagens decisivamente sugestivas em relação ao trabalho poético. No primeiro, “a espada empunhada/ pelo próprio punho” em que a voz poética tenta ultrapassar-se “rasgando os

limites” (p.23) não pode ser legitimamente lida como a ação da poetisa e a criação da poesia? No segundo, a transmutação de vida (e dor) em escrita é já soberbamente captada nas duas primeiras estrofes do poema, que não resisto e transcrevo: “O que em mim se torna/ fogo posto/ e me vai consumindo em chama breve// Me troca a paixão pelo desgosto/ sendo em seguida/ aquilo que se escreve” (p.44).

Mas será, sobretudo, na terceira parte do livro que todos os poemas serão dedicados a essa reflexão. Lá estão o corpo e o fogo da escrita e da poesia, na alternância de duas claves: a explícita desde o título (como em “Poema”, “Fazer o Poema”, “Versos”, “Musa” ou “Escrita”) e a que se compõe no *pianissimo* da sutileza, onde se pode garimpar verdadeiras sínteses e achados acerca do fazer poético, depurados na concentração e no desnudamento dos versos (como em “Vagares”, “Verde Ácido”, “Aparo”, “Fissura” ou “Tigre de papel”).

O poema de abertura do *Agitato*, sem título, é um exemplo deste processo:

Desdobra-se a palavra  
como se fosse um manto  
de afeto revolvido

Onde o poema  
se transforma em chama  
Ao meu ouvido. (p.79)

Nele, a “palavra”, matéria-prima primordial, “desdobra-se” em versos despidos, reduzidos à sua essência. E o “poema”, num só compasso resultado e causa desse processo, transmuta-se (“se transforma”) em fogo (“chama”) para o “ouvido”. Esta seqüência, em que é flagrada a alquimia da palavra, coloca-nos diante das sutilezas do fazer poético que da matéria bruta (neste caso, a palavra comum, qualquer) advém o ouro do poema, em suas imagens, em seu ritmo, em seu som que o “ouvido” capta.

Se, portanto, os poemas de *Inquietude* valem por si mesmos, como talvez esta pequena amostra tenha deixado entrever, ao lê-los percebemos neles os ecos do conjunto da obra de Maria Teresa Horta que, em grande coerência poética, “como se fosse um manto/ de afeto revolvido” apresentam-se ainda a reverberar. Por outro lado, é na consistência desta obra, que mais este volume ajuda a compor, que os outros poetas e poetisas, dizendo-o ou silenciando, encontram a fonte onde vão beber.